

A ORAÇÃO DO CRISTÃO

Hoje damos o segundo passo no caminho de catequeses sobre a oração, iniciado na semana passada.

A oração pertence a todos: aos homens de todas as religiões, e, provavelmente, também àqueles que não professam religião alguma. A oração nasce no segredo de nós mesmos, naquele lugar interior a que muitas vezes os autores espirituais chamam “coração”.¹⁰ Portanto, o que reza em nós não é algo periférico nem uma nossa faculdade secundária e marginal, mas é o mistério mais íntimo de nós mesmos. É esse mistério que reza. As emoções rezam, mas não se pode dizer que a oração é unicamente emoção. A inteligência reza, mas rezar não é apenas um ato intelectual. O corpo reza, mas pode-se falar com Deus até na invalidez mais grave. Por conseguinte, é o homem todo que ora, se o seu “coração” reza.

A oração é um impulso, uma invocação que vai além de nós próprios: algo que nasce no íntimo da nossa pessoa e que se estende, pois sente a nostalgia de um encontro. Aquela nostalgia que é mais do que uma carência, mais do que uma necessidade: é um caminho. A oração é a voz de um “eu” que tropeça, que procede às cegas, em busca de um “Tu”. O encontro entre o “eu” e o “Tu” não pode ser calculado: é um encontro humano e, muitas vezes, procede-se às cegas para encontrar o “Tu” que o meu “eu” procura.

Ao contrário, a oração do cristão nasce de uma revelação: o “Tu” não permaneceu envolvido no mistério, mas entrou em relação conosco. O cristianismo é a religião que celebra continuamente a “manifestação” de Deus, ou seja, a sua epifania. As primeiras festas do ano litúrgico são a celebração deste Deus que não permanece escondido, mas que oferece a sua amizade aos homens. Deus revela a sua glória na pobreza de Belém, na contemplação dos magos, no batismo no Jordão, no prodígio das bodas de Caná. O Evangelho de João conclui o grande hino do Prólogo com esta afirmação sintética: “Ninguém jamais viu a Deus: o Filho único, que está no seio do Pai, foi quem o revelou”.¹¹ Foi Jesus quem nos revelou Deus.

A oração do cristão entra em relação com o Deus de rosto profundamente terno, que não quer incutir medo algum aos homens. Esta é a primeira característica da prece cristã. Se os homens, desde sempre, estavam habituados a aproximar-se de Deus com um pouco de timidez, um pouco apavorados diante deste mistério fascinante e terrível, se se tinham habituado a adorá-lo com uma atitude servil, semelhante à de um servo que não quer desrespeitar o seu senhor; ao contrário, os cristãos dirigem-se a ele ousando chamá-lo de modo confidente, com o nome de “Pai”. Na verdade, Jesus usa outra palavra: “paizinho”. O cristianismo eliminou do vínculo com Deus todas as relações “feudais”. No patrimônio da nossa fé, não existem expressões como “subjugação”, “escravatura” ou “vassalagem”; mas sim palavras como “aliança”, “amizade”, “promessa”, “comunhão”, “proximidade”. No seu longo discurso de despedida dos discípulos, Jesus diz assim: “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas chamei-vos amigos, porque vos dei a conhecer tudo o que ouvi de meu Pai. Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi e vos

constituí, para irdes e dardes fruto, e para que o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda”.¹² Mas trata-se de um cheque em branco: “Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, eu vo-lo concederei”!

Deus é o amigo, o aliado, o esposo. Na oração, pode-se estabelecer uma relação de confiança com ele, a ponto de, no “Pai-nosso”, Jesus nos ensinar a dirigir-lhe uma série de pedidos. A Deus podemos pedir tudo, tudo; explicar tudo, contar tudo. Não importa se, no nosso relacionamento com Deus, nos sentimos em falta: não somos bons amigos, não somos filhos agradecidos, não somos esposos fiéis. Ele continua a amar-nos. É o que Jesus demonstra definitivamente na Última Ceia, quando diz: “Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue, que é derramado por vós”.¹³ Naquele gesto, Jesus antecipa no cenáculo o mistério da cruz. Deus é um aliado fiel: até quando os homens deixam de amar, ele continua a amar, mesmo que o amor o leve ao Calvário. Deus está sempre perto da porta do nosso coração e espera que lha abramos. E às vezes bate à porta do coração, mas não é indiscreto: espera. A paciência de Deus conosco é a paciência de um pai, de alguém que nos ama muito. Diria que é a paciência de um pai e, ao mesmo tempo, de uma mãe. Sempre perto do nosso coração, e, quando bate à porta, fá-lo com ternura e com muito amor.

Procuremos todos rezar assim, entrando no mistério da Aliança. Colocar-nos em oração nos braços misericordiosos de Deus, sentir-nos envolvidos por esse mistério de felicidade que é a vida trinitária, sentir-nos como convidados que não mereciam tanta honra. E, no assombro da oração, repetir a Deus: é possível que o Senhor só conheça amor? Ele não conhece o ódio. Ele é odiado,

mas não conhece o ódio. Só conhece o amor. Tal é o Deus a quem rezamos. Eis o núcleo incandescente de toda a oração cristã. O Deus de amor, o nosso Pai que nos espera e nos acompanha.

Papa Francisco

Audiência geral 13 de maio de 2020

CAPÍTULO 2

¹⁰ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2562-2563.

¹¹ Jo 1,18.

¹² Jo 15,15-16.

¹³ Lc 22,20.